

**Teolinda Gersão: *O Regresso de Júlia Mann a Paraty*.
Porto: Porto Editora, 2021. 140 pp.**

José Barbosa Machado (UTAD / CEL)

DOI: <https://doi.org/10.58155/revistadeletras.v1i7.445>



O título desta obra refere-se à terceira e última novela que a integra. Das outras duas, a primeira intitula-se “Freud pensando em Thomas Mann em Dezembro de 1938” e a segunda “Thomas Mann pensando em Freud em Dezembro de 1930”, significando que, no seu conjunto, as três novelas são dedicadas ao autor de *Os Buddenbrook* e sua família.

Na primeira, temos Sigmund Freud, refugiado em Inglaterra, a falar em primeira pessoa de si próprio e da sua relação com Thomas Mann. O tom está entre o monólogo intimista em forma de memórias e a correspondência epistolar, uma vez que o protagonista se

dirige, em determinados passos, ao seu interlocutor Thomas Mann.

Freud começa por fazer um retrato negro do contexto histórico em que vive. Encontra-se refugiado nos subúrbios de Londres em dezembro de 1938, depois de ter fugido da Viena nazi. Diz que, apesar da sua ascendência judaica, se sentiu, durante toda a vida, culturalmente alemão. «Só quando o país começou a enlouquecer deixei de me sentir alemão, à medida que a loucura social avançava» (Gersão 2021: 8). Quando Hitler conquistou o poder, «a Alemanha regrediu milénios, e mergulhou numa barbárie a que poderíamos chamar pré-histórica. Parecia impossível, mas aconteceu» (Gersão 2021: 8). Reconhece com frustração que para nada serviram a arte, a música, a filosofia e a literatura: «no momento crucial a cultura falhou. E o que dela restava, ou era ainda saudável, foi violentamente atacado, num assalto sem precedentes, e a lucidez, a racionalidade e a ética apagaram-se» (Gersão 2021: 8).

Em seguida, declara que dedicou «a vida a procurar a verdade sobre o ser humano», acreditando que, «se soubermos quem somos, veremos com mais clareza e faremos escolhas certas» (Gersão 2021: 8). Reconhece, no entanto, que esse seu trabalho não conseguiu evitar nada. Os livros que escreveu, «como os de tantos outros, foram declarados subversivos e degenerados, e lançados na fogueira ao som de injúrias e gritos, ou de silêncio tão pesado que só se ouvia o crepitar das chamas» (Gersão 2021: 8-9). E conclui: «a multidão dos perseguidos não tem fim, e todos fazem parte da minha vida» (Gersão 2021: 9).

É a partir daqui que Freud vai descrever a sua relação com Thomas Mann. Diz ele, em tom de crítica, que o autor de *Os Buddenbrook* «não foi tão perseguido como outros escritores. Embora alguns dos seus livros fossem queimados, continuou a ser publicado na Alemanha nazi, e provavelmente foi um dos menos lúcidos perante o imenso naufrágio que se aproximava» (Gersão 2021: 9).

Freud faz uma análise psicanalítica do escritor, que considera seu amigo, descrevendo os conflitos familiares com os pais e os irmãos, e em particular a competição com o irmão Heinrich, também escritor, os seus distúrbios psicológicos, as obsessões e frustrações, assim como as tendências homossexuais que procurava reprimir ou ocultar. O tom é típico do estilo que Freud utiliza em obras como *A Interpretação dos Sonhos* (1900) ou *Totem e Tabu* (1913), o que prova que Teolinda Gersão conhece muito bem as obras do autor e consegue imitá-lo.

Quase no final da novela, Freud, desalentado, afirma: «Talvez o mundo que conhecemos tenha acabado, Thomas Mann. Escrevemos provavelmente para uma classe privilegiada, que não queria saber da miséria porque não a conhecia, e vivia centrada nos seus próprios problemas» (Gersão 2021: 37). Freud tem consciência de uma possível mudança de paradigma: «Talvez o tempo do indivíduo tenha passado, e agora seja, para o bem e para o mal, o tempo das multidões, dos grandes movimentos das massas. Haverá, depois dos tumultos, um recomeço, uma esperança de progresso?» (Gersão 2021: 37).

Na segunda novela, temos Thomas Mann a dirigir-se numa espécie de carta a Sigmund Freud, oito anos antes. O escritor, já famoso por ter sido agraciado no ano anterior com o Prémio Nobel da Literatura (1929), critica de forma contundente o trabalho do psicanalista. Diz-lhe que deveria ser interdito invadir a intimidade dos outros: «Mas o senhor não desiste de o fazer, pela calada – a sua especialidade consiste mesmo em ficar calado, enquanto o outro fala, é através da própria voz que o paciente deve encontrar

a solução dos seus problemas» (Gersão 2021: 43). Ora, Mann entende que isso é arriscado para o paciente e reprovável como forma de ganha-pão para o psicanalista, que no fundo pouco ou nada faz. «A sua consciência não deveria estar tão sossegada» adverte o escritor. «O senhor não é um guru, um mestre espiritual, um santo, nem um guia. É um cientista ávido de fama e de poder, que constrói teorias e usa os pacientes para demonstrá-las» (Gersão 2021: 44).

Mann Insinua que foram os pacientes a ensinar Freud, «foi com eles que aprendeu quase tudo o que sabe» (Gersão 2021: 44). E refere-se em particular às mulheres. Foram sobretudo elas «a revelar-lhe o que o senhor mais ambicionava, o levaram aos abismos do inconsciente, porque são mais sensíveis, sacrificadas, e capazes de verbalizar, por já não suportarem o silêncio de milénios a que foram forçadas» (Gersão 2021: 44). Enquanto para as mulheres que procuram a ajuda do psicanalista é uma ousadia, «para os homens é uma humilhação» (Gersão 2021: 44). Declara, contrariando o que disse atrás acerca do papel-guia quase nulo dos psicanalistas, «que os escritores e artistas não precisam de guias, basta-lhes seguir a sua própria voz. Sem suporte nem rede, estímulo ou companhia» (Gersão 2021: 49). Os escritores e os artistas «estão sozinhos perante uma tarefa que só eles podem levar a cabo. Ninguém lhes sabe indicar o caminho, mas irão segui-lo, mesmo que encontrem a morte pelo meio» (Gersão 2021: 49).

No entanto, acaba por reconhecer que ele e Freud falam a mesma língua. Não só a língua alemã, em que ambos se expressam, mas também outras, como a «linguagem do intelecto, do espírito, que nos conduz a revelações e iluminações que desabam sobre nós e nos incendiam. A língua das descobertas, a divina língua das epifanias» (Gersão 2021: 52).

Em seguida, Mann confessa as suas tendências homossexuais: «Deitar-me no seu divã, ao alcance dos seus olhos, seria já uma vivência imensamente erótica. Sou homossexual, já lho disse, e uma relação física com outro homem é uma obsessão omnipresente, que no entanto sempre contrariei» (Gersão 2021: 55). Essa homossexualidade é tão óbvia nos livros que escreveu, confessa a Freud, «que não poderia escapar à sua argúcia, e o senhor leu tudo o que escrevi. Bastar-lhe-ia *Morte em Veneza* para me ficar a conhecer por dentro: / Um artista de idade madura deseja quase até à loucura o corpo de um adolescente com quem nunca falou e não conhece» (Gersão 2021: 55).

Dois outros temas serão tratados no longo texto ao estilo epistolar que Thomas Mann escreve ficcionalmente a Freud. Um é a relação que tem com o seu irmão Heinrich e o outro o mito de Fausto. Em relação ao irmão, seu

rival na família e na literatura, reconhece: «Enquanto eu subia, era visível que Heinrich se afundava» (Gersão 2021: 63). Mesmo assim, e apesar do sucesso, o seu «medo do fracasso persistiu, e também o ódio, o cinismo, a maldade com que o caricaturei em várias personagens. Ele sofria os meus golpes, e eu os dele. Escrevemos em diálogo um com o outro, mas sobretudo um contra o outro» (Gersão 2021: 63). O complexo de Caim parece evidente na relação dos dois irmãos: «É como o oposto a Heinrich que consigo afirmar-me, não tenho outro modo de existir» (Gersão 2021: 65).

O mito de Fausto surge no âmbito das considerações que tece acerca da sua entrega à literatura. Considera que não tem vida, ou que a vida que tem se reduz à escrita. «No mundo real não sou mais que uma sombra inconsistente» (Gersão 2021: 66). E pergunta: «Eu, que tanto gosto de mencionar Goethe, para implicitamente me colocar a seu lado, terei, como Fausto, vendido a minha alma ao Diabo, a troco de uma carreira de sucesso?» (Gersão 2021: 66). Muitas vezes pensa que sim e confessa que é um tema que sempre o aterrou e fascinou, «e sobre o qual talvez ainda venha a escrever um dia» (Gersão 2021: 66). Um dez páginas mais à frente e já no final da novela, volta a perguntar: «Terei porventura vendido a alma ao Diabo, a troco de uma carreira de sucesso?» (Gersão 2021: 77). Acredita que sim e reforça a intenção de um dia escrever sobre o tema.

A terceira novela, ao contrário das duas primeiras, é descrita em terceira pessoa e é uma espécie de biografia romanceada de Júlia Mann, mãe de Thomas Mann. A novela inicia com um pesadelo da protagonista, que sonha que volta a nado ao Brasil, a sua terra natal.

Teolinda Gersão conta que, falecida a mãe de Júlia, o pai leva os filhos para a Alemanha, a fim de prosseguirem a sua educação. Júlia é entregue aos avós paternos em Lübeck, onde se sente abandonada e com saudades do Brasil. A infância na Alemanha não é fácil: proibem-na de falar português e coagem-na a largar hábitos considerados impróprios ou indignos de uma senhorita burguesa. «Júlia foi forçada a encaixar num mundo que não era o seu» (Gersão 2021: 92). Os familiares queriam forçá-la a esquecer o mundo da infância, «como se devesse envergonhar-se dele» (Gersão 2021: 99). Ela, porém, «não queria esquecer-lo. Achava-o muito superior e mais belo, e era o mundo deles que não lhe interessava» (Gersão 2021: 100). Num tom irónico, a autora observa que a família de Júlia e o colégio que frequentara em Lübeck «não a tinham maltratado, a verdade era o contrário disso: eram bem intencionados, e, *na perspectiva deles*, tinham feito dela o melhor que podiam» (Gersão 2021: 103).

Cerca de metade da novela é dedicada a esta luta de Júlia entre a memória do seu passado infantil e feliz no Brasil e a sua educação rigorosa e triste na Alemanha. Apesar de ter aprendido a ser uma senhora moldada segundo os padrões da burguesia alemã, nunca conseguiu conformar-se.

A autora fala da ascendência materna de Júlia: «O avô era o português Manuel Caetano da Silva, que casara com Maria Luísa da Silva, brasileira *de origem índia* (os Mann, tal como os Bruhn, sublinhavam deste modo que não havia sangue negro na família)» (Gersão 2021: 111). Embora a noiva fosse mestiça, «Johann Bruhns não desdenhara desposá-la, pois era branca, de estrato social elevado e extremamente bela (além de a família ser dona de vastos bens, o que não era mencionado, mas estava presente em todas as cabeças)» (Gersão 2021: 112). Ora, a questão económica sobrepunha-se a tudo: «naquela terra supostamente superior, avançada e culta, do Norte da Europa, tudo se reduzia a transacções, e também as pessoas, homens e mulheres, podiam ser – e eram – convertidas em dinheiro contado» (Gersão 2021: 124).

Júlia, sentindo-se discriminada pela sua origem, exclama pela voz da narradora: «Oh, Deus, como a vida podia ser insuportável para os mais fracos, nunca mais deveria haver escravos, sofrimento ou maus tratos, era urgente pôr fim a preconceitos de cor de pele, costumes ou cultura, de ser do Norte ou do Sul, abandonar essas ideias doidas de sangue impuro, misturado e mestiço» (Gersão 2021: 135). Considera que «o mundo estava doente, era preciso salvá-lo da loucura – tudo estava errado e distorcido, as pessoas eram monstros, os países destruíam-se em guerras infundáveis. Não era possível viver num lugar assim» (Gersão 2021: 135-136). O sentimento de exclusão, que era uma dor constante que tudo pervertia, era, apesar de tudo, inferior à dor «que sofrera pelos seus filhos, ou fizera sofrer aos seus filhos» (Gersão 2021: 136).

Dois dos filhos levarão a que se façam algumas considerações. O facto de Júlia ter dois filhos escritores, Thomas e Heinrich, deve-se, no seu entender, à capacidade de memória que de si herdaram: «Por alguma razão tinha dois filhos escritores. Tinham herdado dela essa capacidade infinita de memória, e o poder de a recuperar, nos mínimos detalhes» (Gersão 2021: 101).

Quando Thomas vence o Prémio Nobel, Júlia sente-se realizada: «Thomas, o seu filho, triunfava, e ela, sua mãe, resplandecia de gratidão e surpresa como se recebesse ela mesma uma coroa de glória. Sentia-se redimida e compensada, queria abraçar Thomas, chorar de emoção e alegria» (Gersão 2021: 108). Confessa, pela voz da narradora, que «fora o maior de-

sejo da sua vida, ver o trabalho de Thomas alcançar o maior prémio literário do mundo, como ele, secretamente, ambicionava. Mas isso nunca aconteceu, tinha a certeza» (Gersão 2021: 109).

Porém, o que mais a entristecia era ver o antagonismo dos dois irmãos: «Toda a vida lutara em vão para que se entendessem, e substituíssem o ódio por amor. Mas cada livro que escreviam era contra o outro, na esperança de o deixar de rastros. Não só os livros, também as críticas recíprocas proferidas em público, ou publicadas em jornais» (Gersão 2021: 109). A mãe «deralhes tudo o que podia e sabia. O gosto da música, da escrita, da imaginação e dos livros, o poder encantatório de ver as histórias a acontecer, como num palco. Partilhava com eles tudo o que era ela, todos os dons que possuía» (Gersão 2021: 110). Foram alguns dos momentos mais felizes da sua vida de adulta. E por isso sofria ao vê-os tão desunidos.

A novela termina com o sonho de Júlia com que se inicia a novela, a atravessar o mar a nado e a chegar a Paraty, no Brasil, onde encontra a velha Ana, sua ama, que na sua infância lhe contava histórias e cantava ao ouvido.

Das três novelas da obra, agradou-nos particularmente a que tem Freud como protagonista, devido ao nosso pessoal interesse pelo autor de *Totem e Tabu*. As duas outras, em que a autora demonstra profundos conhecimentos da obra e da biografia de Thomas Mann, embora tendo um ritmo narrativo mais fragmentário, está do ponto de vista literário ao nível da primeira.

É no final da elaboração deste texto que recebemos a notícia de que *O Regresso de Júlia Mann a Paraty* de Teolinda Gersão venceu o Grande Prémio da Literatura DST 2023. Embora não seja o melhor livro de ficção da autora, cremos que não desmerece do referido prémio.